



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(Organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-492-4 DOI 10.22533/at.ed.924192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a ressignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execuussão da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
Maria Bernardete da Nóbrega Maria das Dores Oliveira de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924071	
CAPÍTULO 2	15
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Cleide Inês Wittke Jossemar de Matos Theisen	
DOI 10.22533/at.ed.9241924072	
CAPÍTULO 3	30
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9241924073	
CAPÍTULO 4	49
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
Patrícia Martins Mafra	
DOI 10.22533/at.ed.9241924074	
CAPÍTULO 5	63
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
Rita Barreto de Sales Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9241924075	
CAPÍTULO 6	79
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Celda Maria Gonçalves Morgado Ana Sofia do Carmo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9241924076	
CAPÍTULO 7	91
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924077	
CAPÍTULO 8	103
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Ana Carolina Vilela-Ardenghi Adriana Sadagurschi	
DOI 10.22533/at.ed.9241924078	

CAPÍTULO 9	117
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.9241924079	
CAPÍTULO 10	128
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
Maria Auxiliadora da Fonseca Leal	
Karlla Andrea Leal Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.92419240710	
CAPÍTULO 11	141
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
Edilene da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240711	
CAPÍTULO 12	153
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.92419240712	
CAPÍTULO 13	165
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPAENSES	
Drieli Leide Silva Sampaio	
Fabiana Almeida Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.92419240713	
CAPÍTULO 14	178
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
Maryelle Joelma Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240714	
CAPÍTULO 15	191
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
Míriam Silveira Parreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240715	
CAPÍTULO 16	215
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
Ronivaldo de Oliveira Rego Santos	
Luciana Nogueira da Silva	
Wanderson Luiz Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240716	

CAPÍTULO 17	227
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.92419240717	
CAPÍTULO 18	236
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
DOI 10.22533/at.ed.92419240718	
CAPÍTULO 19	245
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240719	
CAPÍTULO 20	262
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240720	
CAPÍTULO 21	275
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92419240721	
CAPÍTULO 22	286
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240722	
SOBRE O ORGANIZADOR	297
ÍNDICE REMISSIVO	298

“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”

Gláucia do Carmo Xavier

Instituto Federal de Minas Gerais- IFMG

Ouro Preto- Minas Gerais

RESUMO: Este texto analisa o episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, e pretende colaborar com a prática na sala de aula de alunos e professores, ao fazer o estudo desse clássico da literatura. O episódio narra uma batalha entre cavaleiros portugueses e ingleses em defesa da honra de doze donzelas. Os trechos contidos no episódio são estudados conforme seus aspectos literários e sintáticos. O trabalho inicia-se com a paráfrase de Os Lusíadas, seguido das análises e comentários, trecho a trecho do episódio. “Os Lusíadas” é um clássico universal, devido às suas riquezas estilísticas e originalidade no modo de narrar, principalmente levando em conta a época de sua publicação, século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Os Lusíadas. Os Doze de Inglaterra. Recursos estilísticos. Aspectos sintáticos.

“THE LUSIADS”: AN ANALYSIS OF THE EPISODE “THE TWELVE OF ENGLAND”

ABSTRACT: This text analyzes the episode “The Twelve of England”, of the work “The

Lusiads”, by Luís de Camões, and intends to collaborate with the practice in the classroom of students and teachers, when doing the study of this classic of literature. The episode recounts a battle between Portuguese and English knights in defense of the honor of twelve maidens. The passages contained in the episode are studied according to their literary and syntactic aspects. The work begins with the paraphrase of Os Lusíadas, followed by the analysis and comments, excerpt from the episode. “Os Lusíadas” is a universal classic, due to its stylistic richness and originality in the way of narrating, especially considering the time of its publication, XVI century.

KEYWORDS: Os Lusíadas. The Twelve of England. Stylistic resources. Syntactic aspects.

1 | INTRODUÇÃO

Os Lusíadas são uma epopeia. Como toda epopeia, narra acontecimentos históricos e heroicos, tem a intervenção do sobrenatural e é escrito em versos. Nela, há um herói central e a narração de suas ações heroicas. *N’os Lusíadas*, porém, o herói não é Vasco da Gama, e sim, todo o povo português e seus feitos heroicos.

Essa obra patriota narra, em primeiro plano, a viagem de Vasco da Gama às Índias.

Durante a narração da viagem, tem-se a história de Portugal, de seu povo e seus reinados, a partir de fatos reais. Em uma esfera de fatos imaginários, têm-se a intriga de deuses pagãos, com seus comportamentos humanamente retratados, uns em defesa de Gama, outros contra ele.

Os Lusíadas são considerados, ao mesmo tempo, um poema e um museu. Além de ter o poder de eternizar os feitos portugueses através do texto, *Os Lusíadas* são uma obra de arte com a apresentação de fauna, flora, geografia, história, astronomia, medicina e elementos simbólicos da nação portuguesa. Outra diferença na obra é o fato cantado, pois o feito histórico vai além das batalhas enfrentadas pela frota de Vasco da Gama. O corpo a corpo, as espadas e lanças dão lugar para as batalhas contra fenômenos naturais, medo, fome e forças sobrenaturais dos deuses.

Uma das características da epopeia é a presença de episódios que são “pequenas narrativas acessórias, de factos reais ou imaginários, que o poeta introduz no poema para tornar a sua leitura mais agradável” (COSTA, 1973, p. 193). Na obra, há dez episódios, alguns com o objetivo de narrar batalhas, outros líricos, como a famosa história de Inês de Castro e outros simbólicos, como “Os Doze de Inglaterra” que é o tema deste estudo.

Este trabalho traz uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra” que trata de uma história de doze cavaleiros que, em defesa da honra de doze donzelas portuguesas, travam uma batalha com outros doze cavaleiros ingleses. Esse episódio é considerado simbólico uma vez que simboliza o cavalheirismo português, outra qualidade dos portugueses apresentada na obra. “Os Doze de Inglaterra” é narrado no canto VI, da estância 43 a 69 e é o relato de um acontecimento verídico. Além deste, apenas o episódio de Inês de Castro, no canto III também é verídico. Os demais como o Velho do Resteiro, Adamastor, Concílio dos Deuses, Ilha dos Amores e outros são imaginários.

Este capítulo está dividido em três partes. A primeira traz a paráfrase da obra toda, ou seja, relata um resumo de cada canto para que o leitor compreenda melhor a seção seguinte, que é a análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”. Por fim, têm-se as considerações finais.

2 | PARÁFRASE E ESTRUTURA DA OBRA

A obra *Os Lusíadas* foi escrita por Luís de Camões e teve sua primeira publicação em 1572, no período do Classicismo. A obra é uma epopeia composta por 8816 versos distribuídos em 1120 estrofes¹ com 8 versos decassílabos cada. A narrativa é dividida em 10 cantos e dois ciclos épicos. O primeiro ciclo vai do Canto I ao Canto V e o segundo ciclo vai do Canto VI ao X. Os versos da obra contam a viagem de Vasco da Gama às Índias. Essa é a primeira vez que os ocidentais vão

1. As estrofes em *Os Lusíadas* são conhecidas como estâncias.

para o oriente. Assim, ao longo da obra, a história de Portugal é contada.

O Canto I é composto por 106 estâncias. Antes de começar a narrativa, há a Proposição, parte em que o poeta expõe o assunto e diz a que o poema se propõe. Em seguida, há a Invocação, o narrador invoca as deusas que habitam o rio Tejo. Ele inicia aqui uma obra totalmente nacionalista. Neste momento, Camões pede outro estilo², pois não vai cantar a epopeia da mesma forma até então conhecida. Logo após, há a Dedicatória, nela, Camões dedica os versos a D. Sebastião, Rei de Portugal no século XV. Enfim, inicia-se a narrativa na estância nove. Um pouco mais adiante, na estância doze, o narrador cita, pela primeira vez, “Os doze de Inglaterra”, tema que será o foco deste trabalho.

Como *Os Lusíadas* são uma narrativa in Media Res, ela tem seu início com o Concílio dos Deuses e a armada de Vasco da Gama chegando a Moçambique para abastecer. A narração da partida em Portugal, que é o início de tudo, só ocorre quando Vasco da Gama está com o Rei de Melinde contando a viagem e a história de Portugal, no segundo ciclo épico. Nesse primeiro Canto, há um ataque traiçoeiro pelos mouros, os marinheiros portugueses conseguem vencer e continuam a viagem para chegar em Mombaça.

O Canto II possui 113 estâncias, nele há o convite insidioso do rei de Mombaça. Vasco da Gama e sua frota estão agora ameaçados. Como cautela, Gama envia primeiramente dois condenados portugueses que estavam a bordo, esses dois são enganados por Baco e trazem informações falsas. Gama suplica uma guarda divina. Vênus sobe ao Olimpo e queixa-se a Júpiter da falta de proteção dos deuses com Vasco da Gama e sua tripulação. Gama é então ajudado, parte com sua armada e chega a Melinde, onde é bem recebido.

Em toda a obra, vê-se uma guerra entre os deuses. Como exemplo, pode-se citar baco, ele tenta prejudicar Gama a todo instante para que ele não se torne um herói com feitos grandiosos, como chegar às Índias. E Vênus protege Gama e os portugueses a todo o momento.

No Canto III, com 143 estâncias, Camões começa com a invocação a Calíope (musa da poesia épica) para que ele possa narrar tudo o que Gama contou ao Rei de Melinde. Então, a partir desse trecho, o narrador passa a ser Vasco da Gama (PEREIRA, 2000). Ele descreve a Europa para o Rei, conta inúmeras histórias de Portugal e também narra o episódio de Inês de Castro.

O Canto IV, composto por 104 estâncias, dá continuidade às histórias de Portugal e seus reinados. Neste Canto, há o sonho profético de D. Manuel I que confia ao Gama o descobrimento do caminho para as Índias.

O Canto V, com 100 estâncias é o último do primeiro ciclo épico. Nele Gama conta ao Rei de Melinde a largada da frota, em Lisboa, os acidentes de viagem e tudo o que viu até a chegada em Melinde, como, por exemplo, o escorbuto³.

2. “Dai-me agora um som alto e sublimado/ Um estilo grandiloco e corrente” (I, 4, vv. 5-6)

3. “E foi que, de doença crua e feia/ A mais que eu nunca vi, desemparraram/ Muitos a vida, e em terra estranha

Com o Canto VI (99 estâncias), inicia-se o segundo ciclo épico. Esse canto narra que após as festas em Melinde, a tropa continua sua viagem para as Índias. Baco, mais uma vez, intervém contra os portugueses. Ele desce até o palácio de Netuno e um segundo concílio acontece. Baco discursa e sensibiliza os deuses. Com isso, Eolo⁴ solta os ventos, porém, até que os portugueses percebam o que está acontecendo, eles contam histórias para afastar o sono, como a “Dos Doze de Inglaterra” que é o tema deste capítulo. Quando os marinheiros percebem a tempestade, Gama faz uma prece à divina guarda e Vênus envia as Ninfas amorosas para abrandar os ventos. Vem a bonança e Gama agradece a Deus. O Canto termina com Vasco da Gama meditando sobre o verdadeiro valor da glória e a frota avistando a costa de Calecut.

No Canto VII, com 87 estâncias, é narrada a chegada à Índia, no porto de Calecut. Há a descrição da Índia e o encontro com o Rei da nova terra. Ao final, Gama invoca as Ninfas do Tejo e se queixa dos seus infortúnios.

No Canto VIII (99 estâncias) Baco age novamente contra os portugueses. Ele aparece em sonhos a um maometano. Quando acorda, o maometano convence aos demais a irem contra os portugueses. Vasco da Gama chega a ser preso, em seguida é deixado embarcar desde que, em troca, deixe mercadorias.⁵

No penúltimo Canto, o IX, com 95 estâncias, parte a armada de volta a Portugal. Vênus, então decide preparar um prêmio para os portugueses. Assim, as Ninfas são levadas a uma ilha flutuante preparada para acolher os portugueses. A Ilha dos Amores, como foi chamada, foi colocada por Vênus no meio do caminho, de forma que os portugueses não deixariam de vê-la. Nela, ocorrem os casamentos. Tétis, a maior de todas as Ninfas se apresentou ao Gama e explicou a ele o sentido alegórico da ilha.⁶

Por fim, o Canto X, com 156 estâncias, narra o banquete oferecido por Tétis e Ninfas aos navegadores. Uma Ninfa descreve os feitos futuros dos portugueses e suas glórias futuras. Tétis mostra ao Gama uma miniatura do Universo e os lugares onde os portugueses irão gloriar⁷. Em seguida, há a despedida de Tétis e o regresso da frota à pátria, com mar e ventos calmos até a foz do Tejo.

3 | O EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”

Após a paráfrase acima, da obra *Os Lusíadas*, esta seção trará as análises do

e alheia/ Os osso pera sempre sepultaram./ Quem haverá que, sem o ver o creia,/ Que tão disformemente ali lhe incharam/ As gengivas da boca, que crecia/ A carne e juntamente apodrecia?” (V, 81)

4. Deus dos ventos

5. “Veja agora o juízo curioso/ Quanto no rico, assi como no pobre/ Pede o vil interesse e sede immiga/ Do dinheiro, que a tudo nos obriga.” (VIII, 96, vv. 5-8)

6. “*Que as Ninfas do Oceano, tão formosas,/ Tethys e a Ilha angélica pintada,/ Outra cousa não é que as deleitoas/ Honras a que a vida fazem sublimada*” (IX, 89, vv. 1-4)

7. “Diz-lhe a deusa: O trasunto, reduzido/ Em pequeno volume, aqui te dou/ Do Mundo aos olhos teus. Pera que veja/ Por onde vas e irás e o que desejas.” (X, 79, vv. 5-8)

episódio “Os Doze de Inglaterra”.

O Canto VI inicia-se com a saída da tropa de Melinde. Há a despedida do Rei e já na estância oito começa o segundo concílio dos deuses com o objetivo de discutir a sorte dos portugueses. Nesse momento, Baco, chamado agora de Tioneu⁸ busca Netuno na tentativa de impedir, mais uma vez, que os portugueses cheguem às Índias e possam, de alguma forma, ter mais prestígio que ele próprio.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora e moram as jocundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas últimas Deidades.

(VI, 8)

E até a estância 37 há a descrição minuciosa do concílio dos deuses no fundo do mar. Baco, com inúmeros argumentos, vai convencendo os deuses de que os portugueses devem ser impedidos de alcançar seus objetivos sob a pena de os humanos virarem deuses e os deuses, humanos⁹. Apesar de Netuno não tomar partido contra ou a favor dos portugueses, ordena que Eolo solte os ventos:

Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes!

(VI, 35, vv. 5-8)

Enquanto isso, os marinheiros sofrem com o sono e o cansaço e contam histórias para se distraírem:

Vencidos vem do sono e mal despertos;
Bocijando, a miúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos;
Mas estregando os membros estiravam.
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

(VI, 39)

8. “Mas o mau de Tioneu, que na alma sente/ As venturas que então se aparelhavam/ À gente Lusitana, delas dina,/ Arde, morre, blasfema e desatina” (VI, 6, vv. 5-8)

9. “Que do mar e do céu, em poucos anos,/ Venham Deuses a ser, e nós, humanos” (VI, 29, vv. 7-8)

Lionardo, um dos marinheiros da embarcação, sugere que eles contem casos de amor¹⁰, mas Fernão Veloso, outro marinheiro, discorda de Lionardo¹¹ e em vez de contos de amores, narra um conto de guerra, pois ele acredita que “*dureza/ Nossa vida há de ser*” (VI, 41, vv. 6-7), então, conta a história “Os Doze de Inglaterra”:

Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
“Contarei (disse) sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova.
E por que os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nados direi na nossa terra,
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

(VI, 42)

O episódio inicia na estância 43 e vai até a 69. Conta-se que, na época de D. João I, da dinastia de Avis, cortesãos, na Inglaterra “*Dizem que provarão que honras e famas/ Em tais damas não há pera ser damas*” (VI, 44, 7-8). Acreditando, então que elas não poderiam ser damas por não terem honras e famas, “*Entre as damas gentis da corte Inglesa*” (VI, 44, vv. 1), eles desafiam quem queira honrar as damas:

E que, se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

(VI, 45)

A defesa das damas demandaria uma batalha, “com lança e espada”, uma vez que elas não poderiam se defender sozinhas, devido a “feminil fraqueza”. E de antemão, a provocação é feita, pois se prevê a desmoralização ou morte dos defensores, a partir da previsão de que perderão a batalha. As donzelas pedem socorro, então, a amigos e parentes. Mas a ação é sem sucesso: “*Não se atrevem/ Nem parentes, nem fervidos amantes,/ A sustentar as damas, como devem.*” (VI, 46, vv. 2-4) Portanto, não se encontrou quem pudesse defendê-las.

Já na próxima estância, a 47, as damas pedem socorro ao Duque de Alencastro. Ele era inglês e militou ao lado dos portugueses contra os castelhanos. A atenção, no entanto, nessa estância se volta para os deslocamentos sintagmáticos. Os versos,

10. “Que contos poderemos ter milhores, Pera passar o tempo, que de amores?” (VI, 40, vv.7-8)

11. “Não é (disse Velosos) cousa justa/Tratar branduras em tanta aspereza” (VI, 41, vv. 1-2)

inicialmente parecem ser de difícil entendimento, porém, com algumas inversões, o texto se torna mais claro:

<p><i>“Era este Inglês potente e militara Cos Portugueses já contra Castela, Onde as forças magnânimas provara Dos companheiros e benigna estrela. Não menos nesta terra experimentara Namorados afeitos, quando nela A filha viu, que tanto o peito doma Do forte Rei, que por mulher a toma. (VI, 47)</i></p>	<p>Este Inglês era potente e já militara Cos Portugueses contra Castela, Onde as forças magnânimas provara benigna estrela dos companheiros Não menos Namorados afeitos experimentara nesta terra quando viu nela, a filha Do forte Rei, que tanto o peito doma que por mulher a toma.</p>
---	--

O Duque não queria defender as damas e causar discórdia, mas remeteu-se aos portugueses, pois via neles muita ousadia e, por isso, seriam os únicos capazes de combater os nobres ingleses. Assim, envia embaixadores aos portugueses e com cartas também das damas, pede auxílio.

Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles só poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
(VI, 48, vv. 5-8)

E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali terei socorro e forte estejo.
(VI, 49)

A próxima estância relata que o mensageiro chega a Portugal e todos ficam alvoroçados com o fato, desejando ser um dos doze, porém, apenas os que já vieram nomeados pelo Duque são considerados bem-aventurados. E a estância seguinte, de número 52, narra que da Cidade do Porto os doze se preparam com armas e roupas apropriadas, elmos, cavalos e concertos de mil cores.

Sobre figuras de linguagem, tem-se a inversão como muito presente no texto e é comprovada não só entre os versos, como também no interior deles, como ocorre no verso dois da estância 51: *“Toda a corte alvoroça a novidade”*. Com a devida inversão, nota-se que *“a novidade”* não é o complemento de *“alvoroça”*, mas sujeito

dessa oração. Assim, a ordem sujeito, verbo e complemento seria `A novidade alvoroça toda a corte`.

A inversão tão comum também pode ser vista na partida dos cavaleiros:

<i>Já do seu Rei tomado tem licença, Pera partir do Douro celebrado, Aqueles que escolhidos por sentença Foram do Duque Inglês experimentado. (VI, 53, vv. 1-4)</i>	Aqueles que foram escolhidos por sentença do seu Rei já tem licença tomado Pera partir do Douro celebrado
--	--

Neste momento do episódio, percebe-se o início do clímax, uma vez que o problema inicial parece ter sua solução, restando agora saber como se findará a história. Essa sensação de ansiedade, que incita a curiosidade para conhecer o desfecho, é transmitida ao leitor como nos contos de cavalaria. Dessa forma se inicia um novo momento, a viagem dos cavaleiros rumo à batalha com os ingleses.

Apesar de saber que “*Não há na companhia diferença /De cavaleiro*” (VI, 53, vv. 5-6), Magriço, como era chamado o cavaleiro Álvaro Gonçalves Coutinho, pede à companhia que ele vá por outro caminho, sem ser pelo mar. Ele quer conhecer novas pessoas e caminhos, além dos já vistos até então. Este é o único trecho com discurso direto em todo episódio:

“Fortíssimos consócios, eu desejo,
Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
Pois que do mundo as cousas são tamanhas,
Quero, se me deixais, ir só, por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

E, quando caso for que eu, impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta voz faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que é divino.
Mas se a verdade o sprito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua enveja
Não farão que eu convosco lá não seja.”

(VI, 54-55)

A fala de Magriço é rica graças a diferentes elementos textuais. A inversão

até aqui vista com frequência não é forte na fala do cavaleiro, mas nota-se o peso emocional na persuasão com os trechos “eu desejo, há muito já”, “quero, se me deixais, ir só, por terra”. E apesar de garantir que encontrará o grupo na Inglaterra, adverte que se for impedido pela morte não fará falta. No entanto, a riqueza dos elementos torna a fala grandiosa com a metáfora de Deus, aqui entendida como “Quem das cousas é a última linha” e a repetição intencional da palavra “falta” dá ao texto um sentido poético, com a ajuda da aliteração, “Pouca falta vos faz a falta minha”.

A história então se desenvolve com a viagem de Magriço e a descrição detalhada por onde passa: Leão, Castela, lugares antigos, Navarra, Perineos que separam Espanha e Gália, França, Holanda e Bélgica. No entanto, Magriço se deteve muitos dias nesses lugares, enquanto os outros onze chegam à Inglaterra. Lá eles são recebidos com festa pelo Duque e das damas são servidos de mimos. Até que chega, enfim, o esperado dia.

Na estância 58 e 59, vê-se o momento climático. É chegada a hora da batalha, os onze portugueses e os dozes ingleses estão a postos, assim como as doze damas. É nessas duas estâncias que as damas são descritas no episódio:

Já as damas tem por si, fulgente e armado,
O Marvote¹² feroz dos Portuguesas;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

(VI, 58. vv. 5-8)

Mas aquela, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;

(VI, 59, vv. 1-4)

E já prevendo a vitória, os onze portugueses sugerem que as damas, de antemão, se conheçam, caso “*dous e três de seus faleçam*” (VI, 59, vv. 7-8). E a partir desse ponto, o clímax se dá de forma mais intensa, cheia de suspense. Para isso, o poeta faz uso de inversões, comparações e adjetivos nas quatro próximas estâncias, de 60 a 63. Iniciando pela 60, tem-se uma diferença na pontuação dos versos. Apenas as estâncias 60, 56 e 57 apresentam ponto final no segundo verso. Essa pontuação tem um papel de evidenciar o acontecimento até a pausa do ponto, separando o que vem depois, como em “*Já num sublime e pubrico teatro/ Se assenta o Rei Inglês com toda a corte*” (VI, 60, vv. 1-2). Após esta afirmativa, retoma-se a descrição da cena da batalha, não citando mais o Rei. Cita-se também “*Assi diz: e,*

12. Marte- deus da guerra

abraçados os amigos/ E tomada licença, enfim, se parte” (VI, 56, vv. 1-2). E após o ponto final, já se descreve a viagem de Magriço, sem mais.

Ainda sobre as quatro estâncias, as descrições minuciosas dão ao texto um efeito de sentido que leva o leitor à cena do fato, como em “*Estavam três e três e quatro e quatro; / Bem como a cada qual coubera em sorte*” (VI, 60, vv 1-2). Ou na descrição dos cavalos antes da luta, com a excitação: “*Mastigam os cavalos, escumando,/ Os áureos freios, com feroz semblante;*” (VI, 61, vv. 1-2), além da descrição do Sol: “*Estava o Sol nas armas rutilando,/ Como em cristal ou rígido diamante;*” (VI, 61, vv. 3-4).

Somando-se as descrições, têm-se as comparações como características que tornam o texto mais atraente ao leitor. Há a comparação do Sol com o cristal, como se viu acima, a comparação das onze damas com a dama de Magriço, retratando as diferenças entre os semblantes de alegria e tristeza; a comparação entre o ânimo dos portugueses e dos ingleses e da desigualdade entre os dois lados: “*Mas enxerga-se, num e noutro bando,/ Partido desigual e dissonante/ Dos onze contra doze, quando a gente/ Começa a alvoroçar-se geralmente.*” (VI, 61, vv. 5-8).

Para esse momento do clímax, chegada a hora da batalha, há o uso abundante de adjetivos: damas (ricas e ledas), dama do Magriço (triste), teatro (sublime e pubrico), partido (desigual e dissonante). Além dos adjetivos, o poeta faz uso dos verbos para caracterizar os momentos com as ações verbais. Para isso, ele utiliza verbos no gerúndio, demonstrando a ação em progresso, como “escumando”, para os cavalos e “rutilando”, para o Sol. O aspecto verbal¹³ nessas estâncias pode ser visto não só nas ações em progresso, mas também no ponto de início da ação, com o aspecto inceptivo, como em “*quando a gente/ começa a alvoroçar-se geralmente*” (VI, 61, vv. 7-8).

É justamente, a partir desta locução verbal com aspecto inceptivo que se dá o ápice: a chegada de Magriço. Viu-se, portanto, que o poeta usa inúmeros recursos para fazer com que o leitor vislumbre com perfeição a cena típica de uma batalha medieval. Isso se torna claro, pois nas próximas duas estâncias, a 62 e 63, não se nota tanto os recursos percebidos nas estâncias que as precedem. A atenção agora não é mais para o texto, mas para a cena:

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebuliço;
Eis que entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao Rei e às damas fala, e logo se ia
Pera os onze, que este era o grão Magriço.

13. Faz referência ao contorno temporal interno de uma ação, ou seja, sua duração, frequência, incio, desenvolvimento e término. É diferente do tempo verbal, que faz referencia aum ponto onde a ação se localiza no tempo relativo a outra ação. O aspecto verbal não se refere a tempo verbal e sim a um tempo interno da situação. (COMRIE, 1976)

Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegre e veste ali do animal de Hele¹⁴
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaxam lanças, fere a terra fogo.

(VI, 62-63)

Os quatro últimos versos do trecho acima retratam os preparativos para o início de uma batalha medieval e, na estância seguinte, o que dá o tom para o texto é, primeiramente, o ritmo. Há uma aceleração rítmica dos versos, intensificada pela anáfora, presente nos quatro últimos versos. Além do ritmo e sonoridade, vê-se nessa estância, a partir das descrições do poeta, uma semelhança entre Magriço e Dom Quixote, apesar deste pertencer ao folclore espanhol e aquele, ao folclore português.

Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração, no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
Qual co cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

(VI, 64)

A estância seguinte, de número 65 descreve a luta. Nela, o autor abusa das figuras de linguagem, usa o eufemismo para falar da morte “*Algum dali tomou perpétuo sono/ E fez da vida ao fim breve intervalo*” (VI, 65, vv. 1-2), usa a inversão da posição das palavras em versos semelhantes: “*Correndo, algum cavalo vai sem dono,/ E noutra parte o dono sem cavalo*” (VI, 65, vv. 3-4), usa a metáfora e a personificação “*Cai a soberba Inglesa do seu trono*” (VI, 65, vv. 5) e a inversão na construção dos dois últimos versos:

14. Carneiro do Velo de Ouro

<i>Os que de espada vem fazer batalha, Mais acham já que arnês, escudo e malha. (VI, 65, vv. 7-8),</i>	Os que vem fazer batalha de espada Já acham mais que arnês, escudo e malha.
--	--

Enfim, na estância 66, tem-se o desfecho da guerra com a vitória dos portugueses: “*Cos nossos fica a palma da vitória/ E as damas, vencedoras e com glória*” (VI, 66, 7-8), seguido das comemorações e de um elogio a Portugal:

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas e fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Enquanto se detem em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

(VI, 67)

A penúltima estância relata que Magriço não retorna a Portugal. Neste trecho o uso de inversão, por vezes, confunde o leitor.

<i>Mas dizem que, contudo, o grão Magriço, desejoso de ver as cousas grandes, Lá se deixou ficar, onde um serviço Notável à Condessa fez de Frandes. E, como quem não era já noviço Em todo trance, onde tu, Marte, mandes, Um francês mata em campo, que o destino Lá teve de Torcato e de Corvino¹⁵. (VI, 68)</i>	Mas dizem que, contudo, o grão Magriço, desejoso de ver as cousas grandes, Lá se deixou ficar, onde fez um serviço À notável Condessa de Frandes. E, como quem já não era noviço Em todo trance, onde tu, Marte, mandes, Um francês mata em campo, que Teve lá o destino de Torcato e de Corvino
--	---

E por fim, na estância 69, há o retorno à fala de Veloso, pedindo para que a tripulação não se esqueça de Magriço e de outro cavaleiro, numa batalha ocorrida na Alemanha.

Contando assi Veloso, já a campanha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.
(VI, 69, vv. 5-8)

Assim termina o episódio “Os Dozes de Inglaterra”, que mais se poderia chamar “Os Doze de Portugal”. Logo em seguida ao episódio, a narrativa em Os Lusíadas, continua o apito da embarcação toca, avisando a todos sobre a tempestade de ventos, outro episódio de Os Lusíadas que vai da estância 70 a 91.

15. Guerreiros romanos que foram mortos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a viagem de Vasco da Gama ter sido feita em 1498 e a primeira publicação de *Os Lusíadas* em 1572, os séculos que separam essas duas datas dos tempos atuais não influenciam em nada a riqueza do texto, fato esse que faz de *Os Lusíadas* um clássico. Portanto, o recorte feito neste estudo, apresenta apenas uma amostra da riqueza da obra, reforçando o fato de que *Os Lusíadas* são tanto um poema quanto um museu, uma verdadeira aula de história.

Os Doze de Inglaterra, como um dos dez episódios da epopeia, dá dinamicidade aos fatos da viagem de Gama e conquista o leitor pela diversidade de recursos estilísticos utilizados pelo poeta. Reconhecer que um poema com mais de 8000 versos, todos decassílabos, rimados e ritmados compõem um clássico da literatura é fundamental. Mais ainda quando tudo isso é acrescido de outros tantos elementos textuais intencionalmente utilizados por um poeta.

Espera-se que este estudo possa contribuir com o entendimento e com o prazer da leitura de *Os Lusíadas*, tanto para os leitores que embarcarão nessa viagem pela primeira vez, quanto para os leitores mais maduros da obra que, talvez, por algum motivo, podem ter passado pelo episódio “Os Doze de Inglaterra” sem uma análise mais rigorosa dos fatos e do texto. No entanto, este capítulo tem como foco a sala de aula. Espera-se poder contribuir com os diálogos na escola sobre os estudos do clássico *Os Lusíadas*.

REFERÊNCIAS

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de (coord.). **Dicionário de Luiz de Camões**. São Paulo: Leya, 2011.

CAMÕES, Luís de. 2010. **Os Lusíadas**. São Paulo, Abril.

COMRIE, Bernard. 1976. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press.

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1973. **Questões sobre a História da Literatura Portuguesa**. Porto: Asa.

PEREIRA, Terezinha Maria Shcher. 2000. **História e Linguagem em Os Lusíadas**. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

SARAIVA, Antônio José. 1978. **Os Lusíadas**: Luís de Camões. Porto: Figueirinhas.

TEIXEIRA, Ivan. 1999. **Os Lusíadas**: Episódios. São Paulo: Ateliê Editorial.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 165

C

Crônica 15

D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

G

Gênero Textual 15

H

História Oral 63, 66, 76

I

Identidade 165

J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

L

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

M

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

P

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

S

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924